

US\$ 30 bilhões, socorro japonês

A ajuda será para Brasil, Argentina e México, maiores devedores da AL

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Japão vai oferecer até US\$ 30 bilhões de créditos ao Brasil, à Argentina e ao México, em data a ser anunciada na semana que vem, num golpe surpreendente e decisivo para forçar uma trégua em sua guerra comercial com os Estados Unidos.

A revelação foi feita pelo ex-chanceler japonês Shintaro Abe em nome do seu primeiro-ministro, Yasuhiro Nakasone, enquanto tomava o café da manhã com repórteres e editores do *The Washington Post*. Publicada na primeira página de ontem, a notícia provocou estupefação geral.

A Casa Branca elogiou o plano japonês, rapidamente. "É importante que o Japão assuma o papel de líder proporcional à sua força econômica", disse um porta-voz oficial. Mas ele, prudentemente, acrescentou: "O impacto das medidas reveladas pelo enviado especial Shintaro Abe dependerá dos seus detalhes."

Momento de ajudar

Enquanto tomava café da manhã no *The Washington Post*, Abe revelou que o Japão vai usar seu superávit comercial, que atingiu US\$ 102 bilhões no ano passado, para financiar um novo programa de crédito para as nações mais endividadadas da América Latina. As "vítimas" da guerra comercial nipo-americana seriam o Brasil, a Argentina e o México, mencionadas pelo jornal e confirmadas, mais tarde, pela Embaixada do Japão, em Washington. O próprio Abe diria, em Nova York, ontem à noite, falando a repórteres brasileiros:

"Chegou o momento, para o Japão, de ajudar o Brasil".

O crédito japonês para países latino-americanos é parte de um plano econômico de quatro pontos que o primeiro-ministro Yasuhiro Nakasone vai apresentar ao presidente Ronald Reagan na semana que vem, quando os dois se encontram, em Washington. O plano surgiu como resposta às tarifas punitivas impos-



Com o plano, Nakasone pretende conseguir uma trégua na guerra comercial com os EUA

tas pelos Estados Unidos em US\$ 300 milhões de produtos eletrônicos do Japão, na semana passada.

Shintaro Abe veio abrir o caminho para o acordo de paz. Encontrou-se com o presidente Ronald Reagan e com o secretário do Tesouro, James Baker. E tudo indica que obteve o que queria, tendo partido muito otimista e sorridente de Washington. Ele é um forte candidato à sucessão de Yasuhiro Nakasone e saiu de Tóquio com o apoio irrestrito do governo e do partido democrático liberal.

Esforço Solitário

O programa de crédito a América Latina será o primeiro importante esforço solitário de uma nação industrializada no combate ao problema mundial da dívida, "se levado adian-

te", como observa o *The Washington Post* em sua primeira página de ontem. "Eu espero que este novo esquema seja visto no amplo contexto da cooperação nipo-americana contra os problemas internacionais", pede Shintaro Abe. Mas os congressistas que o ouviram, no Capitólio, um dia antes de suas revelações, permaneceram pessimistas, achando que a solução da guerra comercial entre os dois países passa pela importação de produtos norte-americanos, que é a receita mais eficaz para diminuir o superávit do Japão, com os Estados Unidos.

A infusão de US\$ 30 bilhões em novos empréstimos e investimentos, durante três anos, poderá ser um grande estímulo para as economias do Brasil, México e Argentina, que devem US\$ 260 bilhões juntos, a bancos ocidentais e a instituições multilaterais de crédito. "Isto servirá para

aliviar as pressões sobre o sistema financeiro mundial e para promover a exportação de produtos norte-americanos, declinando desde 1982, quando explodiu a crise da dívida", comenta o jornal.

Até agora, o Japão argumentava que seu superávit comercial se encontrava nas mãos de empresas privadas, sendo difícil para o governo estimular investimentos de risco em empréstimos para o Exterior. Mas Shintaro Abe conseguiu mudar um pouco esta posição, em Washington, dizendo que o governo poderá garantir alguns empréstimos e investimentos através do Eximbank Japonês.

Origem do Dinheiro

Como assim? — perguntei à Embaixada do Japão, em Washington.

O sr. Nogami, responsável pela área comercial da embaixada, e colo-

cado na linha para esclarecer questões deixadas por Shintaro Abe, apenas riu. Parecia feliz.

"Nós não podemos fornecer mais detalhes", ele disse, ainda sorrindo.

Mas vocês estão mudando a economia do mundo, e nada mais têm a dizer?

Mister Abe falou da necessidade de reciclar fundos para alguns países que estão com problemas sérios com suas dívidas externas. O governo japonês, de fato, está neste momento contemplando uma série de esquemas possíveis para isso.

O sr. teria números? Confirmaria que são US\$ 30 bilhões?

"Não temos os números finais de todo o projeto. Mas uma quantia comentada foi esta, de 30 bilhões de dólares. Na verdade, estamos trabalhando, em Tóquio, entre 20 e 30 bilhões."

E de onde virá o dinheiro?

"Não dos bancos comerciais", continuou o sr. Nogami.

De onde?

"Como o sr. sabe, falou-se em dinheiro do O.D.A (Official Development Assistance), dinheiro do governo e até algum dinheiro comercial. Algo como o Banco Mundial, por exemplo. Co-financiamentos promovidos por bancos privados e instituições oficiais. Mas note bem que isto é minha especulação, e não a decisão final do plano que será apresentado."

Informação ao Brasil

Os srs. informaram o Brasil de algum detalhe do plano ou de suas intenções, mesmo que de forma geral?

"Quando o plano for finalizado, informaremos o mundo."

O desembolso do dinheiro dependerá, de alguma forma, da concordância dos Estados Unidos?

"No. No. No. Isto é um projeto nosso. Os Estados Unidos nada têm com ele."

E há quanto tempo o Japão vem desenvolvendo este projeto?

"Trabalhamos nele há muito tempo. Você sabe: no ano passado fizemos empréstimos ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco

Mundial. Foi o começo do que estamos chamando de reciclagem. Agora, continuamos reciclando".

E em que condições o Japão fará os empréstimos?

"O Japão não se sente numa posição para impor condições. Mas também não quer minar as atividades do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional".

O sr. Nagami não dirá, evidentemente, se as declarações do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, sobre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, feitas anteontem à noite, para um repórter da agência UPI, já seria um reflexo de seu encontro com Shintaro Abe.

James Baker declarou que o Brasil deveria chegar a um "acordo informal" com o fundo Monetário Internacional, em seu próprio benefício (ver abaixo). Ele com certeza foi posto a par da ofensiva japonesa para a proclamação de uma trégua comercial entre os dois países. O FMI nada comentou sobre o assunto, ontem. E nem o Banco Mundial, que foi tomado de surpresa pelas revelações de Abe, mencionado como um exemplo pelo sr. Nogami e que mantém uma missão no Brasil, atualmente, disposta a emprestar quase 1,5 bilhão de dólares até o próximo 30 de junho, ou 3 bilhões de dólares até o final deste ano, para a realização de vários projetos.

Plano Baker

O Japão, de certa forma, adota, para a América Latina, uma estratégia do próprio secretário do Tesouro, James Baker: a de que o crescimento econômico é o melhor meio de aliviar os problemas dos países devedores. A diferença: o Plano Baker não teve os 20 bilhões de dólares de que precisava para ser implementado, enquanto o "Plano Nakasone" poderá contar com até 30 bilhões de dólares.

Um banqueiro que acompanha de perto a renegociação da dívida brasileira reagiu ontem assim, ao saber dos primeiros detalhes do "Plano Nakasone": "Isto é uma revolução. Este dinheiro japonês pode pôr tudo em marcha outra vez", referindo-se à economia mundial paralisada.